

DAS RUÍNAS DA MINERAÇÃO ÀS PAISAGENS ARRUINADAS NO CINEMA DE FICÇÃO CIENTÍFICA: UM PERCURSO DE MEMÓRIAS, IMAGENS E ESPECULAÇÕES

FROM MINING RUINS TO THE RUINED LANDSCAPES OF SCIENCE FICTION CINEMA: A JOURNEY OF MEMORIES, IMAGES, AND SPECULATIONS

Gabriela Scotto (UFF)

mgscotto@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-7640-6758>

RESUMO: Este artigo busca entrelaçar percursos de pesquisa sobre os impactos socioambientais da mineração com reflexões oriundas de experimentações coletivas em torno do cinema, entendido como um dispositivo narrativo e imagético capaz de acionar a crítica e a imaginação política. Argumenta-se que a ficção científica — com seus mundos, paisagens perturbadas e futuros imaginados — constitui um poderoso dispositivo para pensar, especular e imaginar coletiva e ecologicamente caminhos alternativos em meio ao “tempo das catástrofes”, conforme descrito por Isabelle Stengers. A partir da análise de uma experiência de cine-debate com jovens, realizada durante um ciclo de curtas-metragens de ficção científica de caráter distópico, conclui-se que esse gênero — ao construir mundos (aparentemente) ficcionais, arruinando as paisagens multiespécies e elevando as ruínas do Antropoceno ao status de protagonistas — realiza um movimento especulativo ancorado nos efeitos geológica e ecologicamente destrutivos do capitalismo. Tal movimento aproxima os espectadores de olhares e sensibilidades atentos à “arte das consequências”, capazes de evidenciar as ruínas reais do Antropoceno.

PALAVRAS-CHAVE: cinema e imaginação política; ficção científica; Antropoceno.

ABSTRACT: This article seeks to intertwine research paths on the socio-environmental impacts of mining with reflections stemming from collective experiments involving cinema, understood as a narrative and imagistic device capable of activating critique and political imagination. It is argued that science fiction — with its worlds, disturbed landscapes, and imagined futures — constitutes a powerful tool for collectively and ecologically thinking, speculating, and imagining alternatives for this “time of catastrophes,” as described by Isabelle Stengers. Based on the analysis of a film-debate experience with young people, carried out during a cycle of dystopian science fiction short films, we conclude that dystopian science

fiction — by constructing (apparently) fictional worlds marked by the ruin of multispecies landscapes and by elevating the ruins of the Anthropocene to the status of protagonists — carries out a speculative movement anchored in the geologically and ecologically destructive effects of capitalism. This movement brings viewers closer to perspectives and sensibilities attuned to the “art of consequences,” capable of highlighting the real ruins of the Anthropocene.

KEYWORDS: *cinema and political imagination; science fiction; Anthropocene.*

1 Introdução

Inicialmente, este breve artigo foi concebido como uma fala provocada pelo convite para participar, como palestrante, no *II Seminário Internacional Poéticas e Políticas de Pesquisa em educação: modos de escrever, modos de viver* realizado no Rio de Janeiro em novembro de 2022.¹ Nesse sentido, o texto a seguir mantém a cadência do que foi concebido como uma fala para ser ouvida e não palavras para serem lidas silenciosamente. Optou-se por um caminho que se inicia na aproximação e entrelaçamento entre percursos de pesquisa sobre os “impactos socioambientais da mineração” e as experimentações coletivas em torno do cinema como dispositivo narrativo e imagético acionador da crítica e da imaginação política. Desse percurso, recupero aqui memórias fragmentadas, emoções, dores e indignações perante as perturbações do capitalismo nas paisagens, imagens, imaginações e especulações sobre formas insurgentes de, como diria a antropóloga Anne Tsing: “ocupar as ruínas” (Tsing, 2019, p. 87-89). No final do percurso, espero ter podido compartilhar, de forma convincente, a crença de que a ficção científica (FC) — com seus mundos, paisagens perturbadas e seus futuros imaginados — oferece um poderoso dispositivo para pensar, especular e imaginar coletiva e ecologicamente caminhos alternativos “no tempo das catástrofes” (Stengers, 2015a).

As ideias que organizam esta apresentação devem muito aos diálogos (imaginários, mas não por isso menos reais) com Anna Tsing, Donna Haraway e Isabelle Stengers, três mulheres

¹ O II Seminário Internacional Poéticas e Políticas da Pesquisa em Educação (PPGE/UFRJ) foi realizado presencialmente nos dias 29/11/2022 a 01/12/2022 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (campus Praia Vermelha).

— dentre muitas outras — que me ajudam a imaginar caminhos para tentar “desarruinar” o mundo.

O foco é nos filmes de FC cujas narrativas se desenvolvem no futuro, mais especificamente em futuros pós-apocalípticos após algum evento catastrófico fez o planeta Terra “colapsar”.² Considero que na grande maioria deles, mesmo que a história acompanhe um ou mais protagonistas tentando sobreviver após o evento apocalíptico, as paisagens em ruínas assumem o papel de protagonistas. Se as ruínas resultantes das transformações industriais e imperiais da paisagem, como as denomina Tsing, do mundo “real”, podem ser invisibilizadas ou camufladas ou, mesmo, produzir, juntos às ações brutais, as benéficas, as distopias pós-apocalípticas no cinema precisam das imagens de paisagens arruinadas. Assim, sob uma aparente ficcionalização da vida futura, esses filmes nos permitem a aproximação às ruínas reais do Antropoceno. Acredito que isso é possível porque, como bem observa Juliana Fausto: “É como se o Antropoceno enquanto época geológica e sistema de governo fosse terrivelmente eficaz em fazer entrar neste mundo aquele da ficção científica.” (Fausto, 2014, p.7).

Isso faz da FC uma ferramenta poderosa para o despertar, do que chamarei aqui, de uma imaginação política capaz de pensar em formas “híbridas” de entender e intervir no mundo.³ Entretanto, antes de avançar mais nessa direção gostaria de recuperar brevemente os caminhos que me trouxeram até aqui, começando pelo meu percurso de pesquisa sobre os “impactos socioambientais” produzidos pela mineração em grande escala e apresentando, brevemente também, uma iniciativa criada (ou realizada?) como forma coletiva de ocupação de ruínas: o Cineclubes SocioAmbiental Campos (Campos dos Goytacazes, RJ).

2 Arruinar: as ruínas do extrativismo mineral

² O evento apocalíptico pode ser de diversos tipos. Dentre a ampla variedade de possibilidades, interessam em particular os que tratam de alterações climáticas (violentas ou graduais) ou outro tipo de “fim” causado por seres humanos. Para uma caracterização mais aprofundada sobre o filme apocalíptico de FC, ver Dufour (2012, p. 69ss). Por sua vez, o trabalho de Danowski e Viveiros de Castro (2014) relacionando os discursos sobre o fim do mundo e os “medos” no Antropoceno aporta uma instigante perspectiva para situar a análise de filmes sobre o fim do mundo entendidos como “as metafísicas pop, as mitofísicas de nossa época” (op. cit., p. 18).

³ Não tenho aqui espaço para ampliar essa reflexão, mas penso nas propostas de Donna Haraway ao lançar seu Manifesto Ciborgue (Haraway, 2009) e, mais recentemente, no trabalho da Nicole Seymour, onde explora as possibilidades epistemológicas e políticas de uma “imaginação ecológica *queer*” (Seymour, 2013).

Para quem, como eu, pesquisou durante muitos anos, como antropóloga, conflitos socioambientais em torno da mineração (cf. Scotto, 2013, 2016, 2021), a palavra “arruinar” é um gatilho para diversas memórias, entre as quais, a do contato doloroso com mundos e paisagens em ruínas produzidas pelo extrativismo mineral. Transformações industriais e imperiais em larga escala das paisagens que, pelo seu impacto de proporções geológicas nas dinâmicas ambientais dos lugares arruinados pela mineração, são a face mais real, explícita e brutal do Antropoceno.

Anne Tsing nos propõe entender a paisagem como uma ferramenta analítica capaz de abrir campos para incluir nas nossas análises as *socialidades* mais que humanas.⁴ A paisagem, conforme ela descreve: “é constituída por padrões de atividade humana e não humana. A paisagem é um ponto de encontro para os atos humanos e não humanos e um arquivo de atividades humanas e não humanas do passado.” (Tsing, 2019, p. 17). As paisagens multiespécies, conclui, são necessárias para sermos humanos. Nesse sentido, uma das primeiras associações que o termo “arruinar”, proposto como título para esta reflexão, dispara na minha mente é com as profundas perturbações e destruições das paisagens produzidas pelo extrativismo mineral. Penso o *arruinar* como um verbo desesperançado que nos situa em um lugar que parece ser, logo de entrada, o do “fazer ruir, transformar em ruínas, fazer desmoronar” como definido pelo dicionário, ou mais ainda, segundo seu sentido figurado, reduzir à miséria, empobrecer. A mineração *arruína* paisagens: destrói montanhas, polui águas, mata plantas e animais, empobrece humanos, reduz à miséria territórios... as socialidades multiespécies são destruídas pelo capital extrativista mineral com seu objetivo (brutal) de transformar a vida em *commodities*, montanhas em pedreiras, águas em insumos produtivos, matas e florestas em crateras de lama, lugares multiespécies para se habitar transformados em áridos desertos.

Foi sob promessas de “progresso”, empregos, educação ambiental, desenvolvimento e “futuros sustentáveis” que o Complexo Industrial e Logístico Porto de Açu (CLIPA) chegou a

⁴ Com o uso do termo *socialidade*, Tsing nos convida a levar em conta nas nossas análises, no campo das ciências sociais, as relações que os humanos estabelecem com não-humanos. Nas palavras da antropóloga, durante uma entrevista concedida a Gonçalves Brito (2021), ela explica: “Desde que eu entendi inteiramente que não-humanos fazem parte de mundos sociais, construindo eles próprios relações sociais com humanos, mas também com outros não-humanos, de repente me pareceu estranho que as então chamadas ciências sociais apenas se interessassem por relações humanas, tendo negligenciado completamente as relações sociais de não humanos. Uma vez que entendi isso, fez muito mais sentido olhar para relações sociais de humanos e não-humanos, que frequentemente são capturados em um mesmo conjunto de relações entre si como parte de uma mesma rede de socialidade.” (op. cit., p. 409)

São João da Barra, município do norte fluminense. O CLIPA é parte de um todo integrado por uma mina para extração de minério de ferro em Minas Gerais, um mineroduto para transportar o minério ao longo de 525 km e, finalmente, o porto para embarcá-lo para fora do país. Esse “sistema” de mina-duto-porto arruinou as paisagens que foi tocando, provocando mais ações ferais⁵ do que benéficas (Tsing, 2019, p. 14). O contato direto com seus efeitos arruinadores me “afetou” intensamente (Favret-Saada, 2005, p. 159-60) e me transformou como pessoa, como pesquisadora, como docente. Fez sentir na pele, na escuta, no olfato e na visão a realidade do Antropoceno.

3 Ocupar as ruínas: o projeto de Cineclube SocioAmbiental Campos e o ciclo de ficção científica: o curta-circuito do Antropoceno

Ocupe Fukushima — todas aquelas ruínas em que ainda devemos viver. Ocupar é dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as probabilidades estejam contra nós. É recusar — e também se recuperar. Se quisermos viver, devemos aprender a ocupar até os espaços mais degradados da vida na Terra. Nossa raiva é necessária. Sem isso, nós definhamos.

(Anne Tsing, *Ocupe as ruínas*)

Foi nesse contexto, descrito brevemente acima, que surgiu em 2011 a ideia de organizar um grupo de pessoas interessadas em promover, através da exibição de filmes, a reflexão e o debate perante as ameaças com a chegada do Porto de Açu. Nasceu assim o *Cineclube SocioAmbiental Campos*, um projeto de extensão vinculado à universidade onde leciono, com o intuito de “ocupar” as ruínas.⁶ Procurávamos - e continuamos procurando ao longo de todos

⁵ Um dos casos que me ocorre de comportamento “feral” (entendido, no sentido atribuído por Tsing, como “reações não projetadas de não humanos às infraestruturas humanas” (Tsing, 2019, p. 14) foi o dos abacaxis salgados pelos efeitos da salinização da terra provocada pelo avanço do mar.

⁶ Como mencionado, em 2011, iniciaram-se as atividades do Cineclube Socioambiental Campos, com o objetivo de problematizar, junto à sociedade, temáticas que abordam os impactos sociais e ambientais negativos do atual modelo de desenvolvimento, por meio da exibição e análise crítica de filmes e documentários. Para atingir esse objetivo, recorreremos ao formato 'cineclube' concebido como um espaço político e educacional que estimula a reflexão e o debate; desenvolve a formação de um 'olhar' ecológico, sensível às relações das sociedades com a natureza em volta; e promove a participação democrática. Em 2022, começamos a trabalhar a partir do potencial imagético, narrativo e crítico da ficção científica, para convocar e dialogar com adultos e adolescentes. Em 2023, sistematizamos um acervo de curtas de ficção científica para serem utilizados no Ensino Médio, disponibilizados no canal do YouTube do cineclube. Também em 2023, realizamos a exposição interativa Cinema, futuro(s) e ideias para adiar o fim do mundo, na qual os visitantes foram convidados a escrever cartões sobre filmes “apocalípticos” e a apresentar propostas para imaginar futuros alternativos. Mais informações no blog do cineclube, disponível

estes anos - através da exibição de filmes diversos (*blockbusters*, filmes *cult*, documentários brasileiros e não brasileiros, animações etc.) promover encontros, partilhas do sensível (cf. Rancière, 2009), conexões fortalecedoras capazes de, como diria a filósofa feminista belga Isabelle Stengers, denunciar o mundo real e questionar coletivamente “a capacidade daquilo que hoje se chama de desenvolvimento de responder aos problemas...” (Stengers, 2015a, posição 79). Ao ressaltar uma perspectiva *socioambiental* para o debate dos filmes exibidos pelo cineclube procura-se destacar a necessária reaproximação e entrecruzamento de categorias que não deveriam existir de forma dissociada, e menos ainda quando se trata de pensar os desafios perante a crise ecológica na atualidade.

Dentre as muitas sessões com públicos diversos dependendo das circunstâncias, houve uma, realizada em outubro de 2017, que nos surpreendeu por seu poder de convocação e pela qualidade do debate, e que nos chamaria à atenção para o potencial imaginativo e político da FC para os debates de questões socioambientais. Sob o tema: “Relações entre humanos e não humanos em cenários distópicos: diálogos socioambientais e cyberpunks” organizamos uma sessão para exibição do filme *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982) – baseado no livro de Phillip K. Dick, *Será que os andróides sonham com ovelhas elétricas?* de 1968.

Pessoalmente, sempre fui amante da literatura de FC pela sua capacidade de imaginar mundos, nos confrontar com hibridismos, especular sobre possibilidades outras, abrir caminhos para criticar nossa sociedade capitalista e predadora, refletir sobre o Antropoceno, ruínas e paisagens contaminadas. Entretanto, olhando em retrospectiva, acredito que foi essa sessão a que motivou a organização, no ano seguinte, de um grupo de estudo voltado fundamentalmente para alunas e alunos de graduação cuja temática foi: O cinema de ficção científica: uma antropologia especulativa sobre as relações entre "humanos" e "não humanos", natureza e cultura, utopias e distopias. Os encontros e as discussões ao longo de um semestre com um grupo de aproximadamente vinte alunas e alunos dos cursos de Ciências Sociais, Geografia e de História corroboraram mais uma vez o potencial transformador de olhares e o papel da FC como disparadora de imaginação híbrida.⁷

em: <http://cineclubesocioambiental.blogspot.com.br>, no canal do YouTube (@Cisac2023) e na página do Instagram: @socioambiental.campos.

⁷ Em 2018, aconteceu o minicurso "Ficções Fílmicas (ou Antropologia Especulativa) sobre Humanos e Não-Humanos", promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagens, Poder e Representações (GEPIR – UFF/CNPq), coordenado por Gabriela Scotto. A atividade consistiu em cinco encontros, cada um deles com uma temática articulando antropologia especulativa, cinema e ficção científica. Como encerramento do curso, cada

Foi com essa convicção que, mergulhados no apocalíptico clima pandêmico e político do Brasil de 2021, organizamos (de forma remota e síncrona) o *Ciclo de Ficção Científica: o curta-circuito do Antropoceno*, integrado por quatro sessões com exibição de curta-metragem seguidas de uma roda de conversa.⁸ O ciclo foi organizado a partir da seleção de curtas-metragens que, transcorrendo em temporalidades e lugares diversos, desenvolvem sua narrativa após a ocorrência de um evento catastrófico (mais ou menos pontual, dependendo do caso), permitindo orientar os debates – e a imaginação – na direção de um tema escolhido como disparador de olhares críticos, da imaginação híbrida e de sensibilidades ecológicas:

- *Recife Frio* (Brasil, 2009, 24 min). Tema: Mudanças climáticas e imaginários sociais
- *Blade Runner Black Out 2022* (Japão, 2017, 15 min). Tema: Humanos e não humanos em mundos híbridos
- *O Nostalgista* (Inglaterra, 2014, 17 min). Tema: Cyberpunk, memórias do futuro
- *Pumzi* (Quênia, 2011, 21 min). Tema: Afrofuturismo africano

A experiência foi muito instigante e enriquecedora, tanto pelo número considerável de participantes de diversos lugares, tanto do Brasil como de fora do país, quanto pelo teor das trocas de ideias e de afetos. No mundo de 2021, e em particular no Brasil dessa época, esses

aluno/a apresentou a escolha de um filme de ficção científica, justificando suas relações especulativas com as temáticas abordadas ao longo dos encontros. O grupo contou com a participação de 20 alunos.

⁸ Uma análise mais aprofundada e etnográfica do ciclo, que serviu de base analítica para as propostas deste artigo, foi apresentada no *XVII Congress of the Brazilian Studies Association* (BRASA), realizado em abril de 2024 na San Diego State University (San Diego, CA, EUA), com o título "Ficção científica, gestos especulativos e imaginação ecológica: a experiência do Ciclo de Cinema "Curta-Circuito do Antropoceno".

Vale mencionar aqui, de forma breve, que o ciclo foi organizado a partir da seleção de curtas-metragens realizada coletivamente pela equipe do cineclube, composta na época por sete integrantes. Cada filme foi introduzido com a pergunta "e se?...", - retomada logo no começo do debate como pontapé inicial para instigar o público a imaginar cenários e pensar em alternativas -. Os debates que se seguiram à exibição dos filmes foram gravados, transcritos e analisados posteriormente; um formulário para a avaliação da sessão (tema e filme), incluindo um campo para propostas de novos filmes e temas, circulou durante cada um dos encontros para que os participantes o preenchessem. O conteúdo desses formulários também foi incorporado às análises apresentadas neste artigo.

encontros acabaram propiciando uma importante ação coletiva de ocupação virtual das ruínas nesses tempos difíceis.

4 Sobre Ficção científica, hibridismos e ruínas

Importa qué historias contamos, para contar con ellas otras historias; importa qué conceptos pensamos, para pensar con ellos otros conceptos. (...) Así es como la configuración de mundos se lleva bien consigo misma en tiempos de dragones.

(Donna Haraway, *Seguir con el problema*)

Em *Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno*, Bruno Latour (2014) começa seu artigo fazendo referências a filmes de FC tais como *Gravidade* (Alfonso Cuarón, 2013), *Avatar* (James Cameron, 2009) e *Melancolia* (Lars von Trier, 2011) para aludir à forma como esses filmes simbolizam "estados mentais". Esses filmes testemunham de forma simbólica, segundo Latour, a sensação de que não há como escapar da Terra, que não há mais "rotas de fuga" para fora do planeta: "Somos forçados a trazer nosso olhar de volta à Gaia sublunar, tão ativamente modificada pela ação humana que ingressou em um novo período, que os geólogos-feitos-filósofos propõem chamar de Antropoceno." (Latour, 2014, p. 12). Assim como Latour, quando afirma que apesar das suas "armadilhas", o conceito de Antropoceno permite reconfigurar o antigo domínio do social — ou humano", pensamos que a FC também apresenta "a recusa decisiva da separação entre Natureza e Humanidade, que tem paralisado a ciência e a política desde a aurora do modernismo" (*ibid*, p. 13). Tal como pode ser feito em relação ao conceito de Antropoceno, podemos pensar a FC como um gênero híbrido que mistura arte, literatura, cinema, filosofia e ciência. Tensiona grandes divisores: natureza/cultura, humanos/não humanos, corpo/espírito, dentre os principais. Mais ainda, se o conceito de Antropoceno, segundo Latour, traz como novidade a modificação simultânea "dos quadros espaciais e temporais nos quais a ação está sendo situada" (Latour, *ibid*, p. 27) acreditamos que a FC já realiza isso há bastante tempo.

Donna Haraway já apontava nessa direção (sobre hibridismos, FC e transgressão de "fronteiras") quando, no seu famoso e provocativo *Manifesto Ciborgue* publicado em 1985, ela resgata a figura do ciborgue, tão cara à FC contemporânea: "Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e uma criatura

de ficção" (Haraway, 2009, p. 36). O ciborgue, criatura híbrida, simultaneamente animal e máquina, habita mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados. No seu hibridismo, lemos no Manifesto, a figura do ciborgue questiona o discurso naturalista e suas relações com o capitalismo. Sendo assim, continua Haraway, a fronteira entre a FC e a realidade social é uma ilusão ótica (p.36). A filósofa feminista conclui: "Assim, meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades - elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político." (p.45). Haraway baseia sua análise "política-ficcional" da FC sobre ciborgues na identificação de três quebras de fronteiras fundamentais: a) a fronteira entre o humano e o animal; b) a fronteira entre animal-humano (organismo), de um lado, e a máquina, de outro; e c) a fronteira entre o físico e o não físico.

Com as referências anteriores a Latour e Haraway - lembrando que esta autora mais tarde insistirá na importância narrativa da FC feminista na sua capacidade "terraformadora" e fazedora de mundos (*worldling*) alternativos (Haraway, 2013 e 2019) — me interessa chamar à atenção para o papel que pensadores contemporâneos, críticos da "modernidade" ocidental capitalista, atribuem à FC na sua capacidade radical para simbolizar imaginários coletivos, medos, inflexões, para tensionar a naturalização de fronteiras, interpelar-nos com seus híbridos e seus Não humanos, sejam monstros, extraterrestres ou ciborgues. Sem esquecer, claro, do "científico" que adjetiva a "ficção" e que faz da FC um meio para expor, por caminhos mais ou menos explícitos segundo os casos, as imbrincadas relações entre ciência, tecnologia e política. Assim, aderimos também à proposta de Danowski e Viveiros de Castro no seu instigante livro sobre algumas das principais variantes do tema do "fim do mundo" no imaginário contemporâneo da cultura mundializada quando descrevem a literatura fantástica e a FC como "as metafísicas pop, as *mitofísicas* de nossa época" (Danowski e Viveiros de Castro, 2014, p.18).

Nesse sentido, na busca por aproximar *realidade* e *ficção*, é que me interessam os filmes que podem ser designados, sem pretender ser muito rigorosa na classificação, de *distopias futuristas sobre o Antropoceno*: nas suas vertentes *cyberpunk*, *steampunk*, afrofuturista e *Cli-Fi*. Narrativas que apresentam uma perspectiva sombria e pessimista de um futuro no qual, porém, é possível identificar claramente os traços e as paisagens arruinadas do presente pelas ações destruidoras de mundos do capitalismo extrativista.

David Lapoujade abre a primeira página do seu livro *Alteração dos Mundos*, sobre a obra (“delirante”) de Phillip K. Dick, com uma bela afirmação sobre a FC e seu *pensar por mundos*: “multiplicar os mundos – essa é a atividade essencial da FC.” (Lapoujade, 2022, p.11). Mas acrescenta:

A condição é que esses mundos sejam *outros*, ou então, quando se tratar do nosso mundo, que ele tenha ficado suficientemente irreconhecível para tornar-se outro. De modo que também podemos dizer da FC que ela passa seu tempo *destruindo mundos* (Lapoujade, 2022, p.11, destaque meu).

Embora concorde com Lapoujade quando ele destaca como elemento central da FC a criação de mundos (o que o aproxima da dimensão *terraformadora* da FC, na perspectiva de Haraway), tendo a discordar de sua afirmativa de que a alteridade desses mundos exige que eles sejam “suficientemente irreconhecíveis”. A FC científica, sim, destrói mundos, mas eles são irreconhecíveis? Volto ao diálogo com as ruínas e os efeitos ferais propostos por Anne Tsing. A FC que nos submerge em futuros distópicos (pós apocalípticos ou não) incomoda, nos perturba, porque (re)cria realidades nas quais reconhecemos o presente de nosso mundo. Nesses mundos não há alteridade, há espelhos. A FC distópica expõe a brutalidade deste tempo de catástrofes, nos joga no rosto as ruínas do Antropoceno e, como disse Latour, produz a sensação de que não há como escapar da Terra. Mas é talvez daí, do seu pessimismo realista, que venha seu potencial político. Retomo o diálogo com Tsing: mesmo que ela considere que a vida em ruínas inclui (e disso tratam suas etnografias povoadas de cogumelos e florestas) o encontro de ações aterrorizantes com ações benéficas, sabemos que nem sempre é fácil descobrir as ações benéficas no meio das ruínas. No entanto, ao mesmo tempo que Tsing nos convoca a identificar as ações benéficas, ela mesmo admite: “Quanto mais aprendo sobre as grandes transformações paisagísticas do Antropoceno, mais empenhada me torno a contar as más notícias ao lado dos esperançosos.” (Tsing, 2019, p.15). Acredito que um número expressivo de filmes de FC sobre futuros distópicos compartilham esse mesmo papel de contar más notícias, expondo o lado sombrio e catastrófico da nossa era e trazendo para o centro das suas narrativas, como protagonistas, as paisagens arruinadas. Nesse sentido, eles direcionam nosso olhar para uma visão mais sombria do Antropoceno.

“Quais os efeitos de nos colocarmos, na época do Antropoceno, em um cenário temporalmente posterior, frente a uma terra dizimada?” se pergunta Gabriel Cardozo se

referindo à literatura de FC: “É a certeza de um fim e uma inércia de que “tudo foi feito”, ou uma pista a respeito do que pode ser retomado?” (Cardozo, 2019, p.58). E responde:

Ora, acredito que, se foi possível levar a sério o que é proposto enquanto análise e inquirição, através da forma literária da ficção científica, compreendendo-a e utilizando-a como recurso e suplemento reflexivo das questões atuais, e não apenas como representação dessas questões, uma rota a mais no emaranhado confuso que é lidar com os problemas da razão, causados por ela, de outras formas e meios que não os seus, terá se aberto. A concretização do objetivo é, afinal, multiplicar as questões sob configurações de uma reflexão que alie ciência, arte e literatura (Cardozo, 2019, p. 60).

Os trabalhos de Keyme Lourenço (Lourenço e Pimenta, 2022; Lourenço, 2023) propõem uma aproximação semelhante, entre cinema e os conceitos de paisagens multiespécies e Antropoceno de Anne Tsing – embora feita à luz de uma perspectiva deleuziana. A partir desse entrecruzamento aplicado à análise de dois curtas-metragens, ambos exibidos em festivais brasileiros de temática ambiental, eles concluem: “Nos entendendo como parte desse devir que invade o pensamento e a escrita, a conservação da Terra-terra e a resistência frente ao fim do mundo se faz por afeto. Encontramos nas imagens do cinema paisagens que capturam o sensível e, ao mesmo tempo em que são encaradas de longe, nos encaram.” (Lourenço e Pimenta, 2022, p.152).

Como resultado das experimentações político-pedagógicas com cinema de FC ao longo destes últimos anos, apresentadas brevemente na seção anterior, posso afirmar que, embora a história específica que um filme nos conta seja fictícia, o direcionamento da nossa visão para as *paisagens arruinadas* é bastante real e tem a capacidade de afetar a forma como notamos o mundo ao nosso redor. Embora a escolha do filme seja fundamental, é o trabalho de leitura de imagens e de desconstrução “retórica” sobre o modelo que ele nos apresenta que permite identificar as ruínas do Antropoceno e nos perceber, de forma afetiva e coletiva, nelas. Uma abordagem próxima à que estou propondo é apresentada por Carlos Calenti (2022) quando, através da análise dos romances que compõem a trilogia Aniquilação de Jeff VanderMeer, procura pensar em modos de percepção “engajados numa experiência multiespécie” e como estes podem vir a ser afetados pelo que ele opta por identificar de forma mais abrangente como “ficção especulativa”. Para Calenti a ficção especulativa aponta para “outras maneiras de habitar paisagens ainda não existentes, paisagens potenciais, mas que de todo modo nos

apresentam possibilidades para viver nas paisagens muito reais que existem no nosso mundo atual.” (Calenti, 2022, p.14).

O trabalho coletivo e compartilhado sobre um filme de FC distópico ao mesmo tempo que nos “ensina a ler as margens”, abre as portas para uma perspectiva, nas palavras de Nicole Seymour: “queer, ecológica, antirracista e classista – de modo que possamos, digamos, argumentar contra a naturalização da injustiça ambiental sem deixar, por isso, de articular as preocupações com o natural e o não-humano.” (Seymour, 2013, p.103).

É nessa direção que aponto quando, no começo deste texto, afirmo que a FC é uma ferramenta poderosa para o despertar uma imaginação política capaz de conceber formas híbridas de compreender e intervir no mundo, com perspectivas socioambientais voltadas ao enfrentamento das injustiças ambientais que povoam o Antropoceno.

5 E se... Especular coletivamente para imaginar rotas de fuga para desarruinar o mundo

Gostaria de concluir estas reflexões em diálogo com os *gestos especulativos* de Isabelle Stengers (2015b).⁹ O gesto especulativo nas palavras de Stengers:

... é um gesto que aposta na possibilidade de dar ao que nos une o poder de nos fazer pensar juntos. O que significa também explorar as normas acadêmicas que nos separam sem cair em generalidades consensuais, sejam elas críticas ou utópicas (Stengers, 2015b, s.p., tradução minha).

Gostaria de resgatar, em particular, dois aspectos da proposta de Stengers que me parecem muito fecundos para pensar nas contribuições do uso do cinema de FC como meio disparador de *imaginação híbrida* e de fortalecimento de sensibilidades ecológicas compartilhadas, capazes de procurar de forma coletiva novos modos de enfrentamento das catástrofes dos tempos presentes.

⁹ Ao longo do texto optei pelo uso do termo FC por considerá-lo mais exato para designar os filmes aos quais venho me referindo, mas isto não exclui compreender a FC como parte integrante do conjunto mais abrangente da chamada “ficção especulativa”. A expressão ficção especulativa (que já chegou a ser chamada de “super gênero”) costuma ser empregada para englobar outros gêneros como ficção científica, fantasia e terror. Uma das suas características seria a de se utilizar de elementos fictícios baseados em determinado contexto, mas que não existem no mundo real. Para uma excelente síntese das perspectivas que marcam o percurso da chamada *Ficção Especulativa* ao longo da segunda metade do século XX ver o verbete “Ficção especulativa” do Dicionário Digital do Insólito Ficcional (Meireles, 2021).

O primeiro aspecto que destaco aqui é sua proposta para pensar – a partir do método pragmático de William James – o especulativo, não como um exercício abstrato de caráter filosófico, dissociado do real, mas como um “pensamento de consequências, não utópico ou apenas de imaginação projetada no presente”. (Stengers, 2015b, s.p. – tradução minha). Assim, o pensamento especulativo implica atitudes engajadas capazes de produzir gestos que não se afastem da experiência. No entanto importa salientar que, se por um lado, se trata, segundo Stengers, de não ignorar os fatos, isso não significa que devamos lhes conferir “autoridade”. É trabalhar a partir de um *e se* (“e se fosse assim e não de outro modo?”) que, conforme Sztutman (2022, s.p) destaca, ao invés de dizer “o que é”, a grande questão ontológica, é pensar o que pode ser, o que poderia ser, pensar os possíveis, os mundos possíveis. (Sztutman, 2022, s.p.).

Por outro lado, um segundo aspecto que me interessa destacar da proposta de Stengers é sobre o uso em plural da expressão:

Falar em *gestos especulativos* no plural designa certamente a pluralidade das situações, mas também, e talvez antes de tudo, a pluralidade daqueles e daquelas sem os quais as possibilidades que precisam ser ativadas seriam incapazes de ganhar substância. Não se trata apenas de serem sentidas, pensadas ou imaginadas, mas se trata de fazer pensar, sentir ou imaginar (Stengers, 2015b, s.p., tradução minha).

Logo a seguir ela menciona, como exemplo da “pluralidade viva” necessária para produzir gestos especulativos, um grupo de estudos (Grupo de Estudos Construtivistas) que não reduziu seus encontros “à habitual sucessão de apresentações seguidas de discussão”, mas cuja concepção e realização garantiu dinâmicas de trocas que, segundo Stengers, testemunham o sucesso de uma possibilidade, assemelhando-se a um gesto especulativo.¹⁰

Esses dois aspectos dos gestos especulativos (sua ancoragem na experiência e seu caráter plural e coletivo) são novamente abordados por Isabelle Stengers durante uma entrevista sobre a FC como “arte da consequências” (Stengers, 2019, s.p.) durante a qual, após afirmar que as obras de FC consistem em experimentações do pensamento especulativo sobre outras formas de criação do mundo (*world-making*), responde à pergunta sobre o que as ciências sociais e outras ciências poderiam aprender com tais histórias. Ela aponta que, ainda que a FC seja ficção, as bases sobre as quais ela especula e a partir das quais tenta responder perguntas

¹⁰ Os textos, resultado dessa experiência se encontram reunidos em Debaise e Stengers. *Gestes spéculatifs*. Dijon: Les Presses du réel, 2015

hipotéticas (*E se...?*), assim como no caso da ciência, exigem conjecturas “verosímeis”. No caso da FC, continua Stengers, quem assiste não quer encontrar “a” solução para os problemas, mas mergulhar na exploração dos mundos imaginados: O público da FC escreve Stengers, aprecia a “arte das consequências”, uma arte que não tolera simplificações e demonstrações que não estejam ancoradas em realidades “reais”.

Entretanto, se nisso ciência e FC se aproximam, no caso da FC estamos em “dramático contraste” com o mundo da ciência (baseado numa “ecologia” que pressupõe a confiança dos não-cientistas nas palavras dos cientistas), para nos situarmos, segundo Stengers, perante uma ecologia sem as fronteiras que separam aqueles que têm direito a contribuir daqueles que devem permanecer do lado de fora. Sobre essa divisão, ela acrescenta:

Estou interessada em como as convenções de ficção científica reúnem autores e “fãs”, estes últimos encontrando seus próprios meios para se integrar e contribuir com o mundo específico de ficção científica, até mesmo escrevendo contos deste mundo que poderão ser publicados em antologias editadas pelo autor original, tornando-se assim autores eles mesmos. Não imitam as comunidades científicas, mas são antes testemunhas do fato de que a imaginação ativa dos cientistas (não dos cientistas sociais *mainstream*), o poder generativo das suas perguntas – “e se”, “mas então!” – pode escapar do domínio estrito das consequências verificáveis e, no entanto, produzir explorações colaborativas. Isso é porque existe realmente uma história da ficção científica, uma história da maneira como, através de autores e autoras de ficção científica, foi possível a constituição de um coletivo de autores e leitores para testar e explorar outras formas para os mundos (Stengers, 2019, s.p., tradução minha).

Concluo este entrelaçamento de memórias, percursos e reflexões resultantes, como explicitiei no início, de minhas pesquisas na área do extrativismo mineral e das experimentações coletivas em torno do cinema de FC, dizendo que acredito que a FC do tipo distópico constrói seus mundos (aparentemente) ficcionais *arruinando* as paisagens multiespécies e elevando as ruínas do Antropoceno ao status de protagonistas. Ao fazer esse movimento especulativo ancorado nos efeitos geológica e ecologicamente destruidores do capitalismo, nos aproxima de olhares e sensibilidades atentos à *arte das consequências*, capaz de pôr em evidência as ruínas reais do Antropoceno. Mais ainda, o cinema de FC é capaz de direcionar nossa reflexividade ou, como diria Tsing, de nos fazer “notar” os efeitos ferais que irrompem nas ruínas, retirando por esse meio o protagonismo do Humano. O que as imagens e os sons nos narram? Sobre o que elas escrevem? Elas nos convocam a mergulhar em imaginações híbridas que, partindo do *e se?*, procurem outras rotas de fuga, nos convocam a produzir gestos especulativos capazes de

imaginar formas de ocupação de ruínas, sujeitos humanos e não humanos irreverentes, paisagens multiespécies. No entanto, concordando mais uma vez com a Isabelle Stengers, o desafio – ao menos no campo das ciências sociais e das nossas práticas como docentes universitários – é contribuir nos processos de engajamento especulativo (não só dos estudantes, mas de jovens em geral) sobre formas e caminhos para *desarruinar* as paisagens, propondo espaços coletivos de compartilhamento de experiências e especulações. Iniciativas como a do Cineclubes SocioAmbiental Campos e a do grupo de estudos sobre cinema de FC fazem-me acreditar que esse compartilhamento seja possível.

REFERÊNCIAS

- CALENTI, Carlos. Cintilações multiespécies: Modos de percepção entre a antropologia e a ficção especulativa. *Novos Debates*, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/v8-n1-2022/>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- CARDOZO, Gabriel. Experimentações especulativas na ficção científica: roteiros, planícies e planos para a recuperação parcial de uma vida possível em um “Planeta impossível”. *ClimaCom – Fabulações Miceliais [Online]*, Campinas, ano 6, n. 14, abr./2019. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=10761>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- DANOWSKI, Débora; e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, Florianópolis, Desterro, Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014.
- DEBAISE e STENGERS (Éd.). *Gestes spéculatifs*. Dijon: Les Presses du réel, 2015. E-book, sem paginação.
- DUFOUR, Eric. *O cinema de ficção científica*. Ed. Texto & Grafia, Lisboa: 2012.
- FAUSTO, Juliana. Os desaparecidos do Antropoceno. *Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: Do Antropoceno à Idade da Terra*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/juliana-fausto1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de campo*, n. 13, 2005.
- GONÇALVES BRITO, Luz. Futuros possíveis dos mundos sociais mais que humanos: entrevista com Anna Tsing. *Horizontes Antropológicos*, v. 27, n. 60, p. 405–417, maio 2021.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Em: TADEU, Tomaz (org). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-*

humano / organização e tradução Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

HARAWAY, Donna. *Ficção Científica, Ficção Especulativa, Figuras de Corda, e Além.*, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/attachments/66024795/download_file?st=MTY5NDI3NjE1MSwxODkuMTIyLjEyMS44&s=swp-splash-paper-cover. Acesso em: 01 set. 2023.

HARAWAY, Donna. *Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno*. Bilbao: Consonni, 2019.

LAPOUJADE, David. *A alteração dos mundos*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de Antropologia*, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014.

LOURENÇO, Keyme e PIMENTA, Thais Barros. Cinecartografando as imagens de filmes do circuito de mostras ambientais brasileiras: mergulhos entre paisagens, ecologias, artes e Antropoceno. *e-cadernos CES*, n. 38, 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/7815?lang=en>. Acesso em: 01 abr. 2025.

LOURENÇO, Keyme. Cinema como meio para pensar as paisagens-narrativas de um mundo em ruínas. *Revista Eixo*, 12(2), 119-128. 2023. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/1111>. Acesso em: 30 ago. 2023.

MEIRELES, Alexander. Ficção especulativa. Em: REIS, Carlos et.al. (Eds.). *Dicionário Digital do Insólito Ficcional* (e-DDIF). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021. Disponível em: <https://www.insolitificcional.uerj.br/ficcao-especulativa/>. Acesso em: 02 set. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível. Estética e Política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SCOTTO, Gabriela. Estados Nacionales, Conflictos Ambientales y Minería en América Latina. *Letras Verdes - Revista Latinoamericana de Estudios Socioambientales*, v. 2013, p. 95-116, 2013.

SCOTTO, Gabriela. Discursos globais e produção social do local. O desenvolvimento sustentável e a mineração responsável como prática discursiva e modelo para a ação empresarial. In: LOPES, STEIL e LEISTNER. (Orgs.). *Políticas culturais e ambientais no Brasil. Da normatividade às agências coletivas*. 1ed.Porto Alegre: CirKula, 2016, v. 1, p. 125-146.

SCOTTO, Gabriela. Verde que vira marrom, reputação que vira lama: extrativismo mineral, desastres e as imagens do “invisível”. *Revista Vértices*, Campos dos Goytacazes/RJ, v.23, n.1, p. 213-233, 2021. Disponível em: <https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/15893/13165>

Organon, Porto Alegre, v. 40, n. 80, fev./set. 2025.
DOI: 10.22456/2238-8915.146769

SEYMOUR, Nicole. *Strange natures: Futurity, empathy, and the queer ecological imagination*. University of Illinois Press, 2013.

STENGERS, Isabelle. *No Tempo das Catástrofes*. São Paulo: Cosac Naify, 2015a. Edição do Kindle.

STENGERS, Isabelle. L'insistance du possible. In: DEBAISE e STENGERS (Éd). *Gestes spéculatifs*. Dijon: Les Presses du réel, 2015b. E-book, sem paginação.

STENGERS, Isabelle. Reclaiming Imagination: Speculative SF as an Art of Consequences. An interview with Isabelle Stengers. Interview by Casper Bruun Jensen and Line Marie Thorsen. *NatureCulture*. v. 12, 2019. Disponível em: <https://www.natcult.net/interviews/reclaiming-imagination-speculative-sf-as-an-art-of-consequences/>. Acesso em: 05 set. 2024.

SZTUTMAN, Renato. Ciência e ficção: especulação e imaginação para resistir no Antropoceno. IHU, Unisinos. *Conferência 03 Agosto 2022*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/620885-o-pensamento-especulativo-nao-e-abstracao-e-alternativa-para-resistir-ao-antropoceno-entrevista-especial-com-renato-sztutman>. Acesso em: 08 nov. 2024.

TSING, Anna. *Viver em ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Texto submetido em: 06 abr. 2025

Aceito para publicação em: 29 ago. 2025

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.146769>